

I

11 de Setembro, rue Toullier

Então é mesmo para aqui que as pessoas vêm viver; antes pensaria que aqui se morresse. Saí. Vi: hospitais. Vi alguém que cambaleava e caiu. As pessoas juntaram-se à volta dele, o que me poupou o resto. Vi uma mulher grávida. Arrastava-se penosamente ao longo de um muro alto e quente que às vezes tacteava, como para se convencer de que ele ainda lá estava. Sim, ele ainda lá estava. E por detrás dele? Procurei na planta: Maison d'Accouchement. Bem. Dar-lhe-ão assistência ao parto — sabem fazê-lo. Mais adiante, rue Saint-Jacques, um grande edifício com uma cúpula. A planta dizia Val-de-grâce, Hôpital militaire. Não precisava de o saber, mas não faz mal. A viela começava a cheirar por todos os lados. Cheirava, tanto quanto se podia distinguir, a iodofórmio, à gordura de batatas fritas, a medo. Todas as cidades cheiram no Verão. Depois vi uma casa curiosamente cega, não se encontrava na planta, mas por cima da porta estava escrito, de modo ainda bastante legível: Asyle de nuit. Ao lado da entrada estavam os preços. Li-os. Não era caro.

E de resto? Uma criança num carrinho parado: era gorda, esverdeada e tinha uma nítida erupção cutânea na testa. Pare-

cia estar a sarar e não fazia doer. A criança dormia, tinha a boca aberta, respirava iodofórmio, batatas fritas, medo. Era assim mesmo. O principal era estar vivo. Era isso o principal.

2

E não poder eu deixar de dormir de janela aberta! Os carros eléctricos passam vertiginosamente e a tocar através do meu quarto. Os automóveis passam por cima de mim. Uma porta fecha-se, batendo. Algures uma vidraça cai, estilhaçando-se, oiço as gargalhadas dos seus estilhaços grandes e os risinhos dos pequenos. Depois, subitamente, um ruído abafado e fechado do lado oposto, no interior da casa. Alguém sobe as escadas. Avança, aproxima-se cada vez mais. Detém-se, detém-se durante muito tempo, vai-se embora. E de novo a rua. Uma rapariga grita estridentemente: *Ah tais-toi, je ne veux plus*. O eléctrico passa veloz e agitadamente bem perto, afasta-se, afasta-se de tudo. Alguém chama. As pessoas correm, ultrapassam-se. Um cão ladra. Que alívio!: um cão. De madrugada até um galo canta, o que produz um bem-estar sem limites. Depois adormeço subitamente.

3

São estes os ruídos. Mas também há aqui algo bem mais terrível: o silêncio. Creio que nos grandes incêndios também se introduz por vezes um momento semelhante, de tensão extrema, em que os jactos de água caem, os bombeiros deixam de trepar pelas escadas, ninguém se move. Em silêncio, uma cornija negra desloca-se lá no alto e um grande muro, atrás do qual o fogo deflagra, inclina-se, em silêncio. Toda a gente fica imóvel e espera, de ombros levantados, de rosto

contraído acima dos olhos, a tremenda pancada. Aqui o silêncio é assim.

4

Aprendo a ver. Não sei por que motivo, tudo penetra em mim mais profundamente e não se imobiliza no ponto em que se costumava extinguir. Tenho uma interioridade que desconhecia. Tudo agora para aí se encaminha. Não sei o que aí se passa.

Quando hoje estava a escrever uma carta apercebi-me de que estou aqui apenas há três semanas. Três semanas em qualquer outro lugar, no campo, por exemplo, seriam como um só dia, aqui são anos. Também já não quero voltar a escrever cartas. Para que hei-de dizer a alguém que me estou a transformar? Se me estou a transformar, já não sou aquele que fui, e sou diferente do que era até aqui, por isso é óbvio que não conheço ninguém. E é impossível escrever a pessoas desconhecidas, a pessoas que não me conhecem.

5

Já o disse? Aprendo a ver. Sim, estou a começar. Ainda é difícil. Mas pretendo aproveitar o meu tempo.

Nunca tinha tomado consciência, por exemplo, da enorme quantidade de rostos que há. Existem numerosas pessoas, mas os rostos são ainda mais, pois cada uma tem vários. Há pessoas que usam um rosto durante anos a fio e é claro que ele se gasta, se suja, se quebra nas rugas, se alarga como as luvas que foram usadas em viagem. São pessoas poupadas, simples; não o mudam, nem sequer o mandam limpar. Ainda está bom, afirmam, e quem lhes pode provar o contrário? Mas então

pode naturalmente perguntar-se: uma vez que têm vários rostos, o que fazem com os outros? Guardam-nos. São para os filhos. Mas também acontece que os seus cães saem com eles. E porque não? Um rosto é um rosto.

Outras pessoas colocam os seus rostos com uma rapidez incrível, um após outro, e gastam-nos. Primeiro parece-lhes que chegariam para sempre, mas, mal fazem quarenta anos, o que têm já é o último. Tudo isto tem, evidentemente, o seu lado trágico. Não estão habituadas a poupar rostos, o último fica gasto ao fim de oito dias, tem buracos, em muitos pontos é fino como papel, e então vai aparecendo gradualmente o que está por baixo, o não-rosto, e é com ele que andam.

Mas aquela mulher, aquela mulher: estava completamente ensimesmada, de cabeça inclinada para a frente, sobre as mãos. Foi na esquina da rue Notre-Dame-des-Champs. Assim que a vi comecei a andar sem fazer ruído. Quando os pobres se põem a pensar não se deve incomodá-los. Talvez acabem por lembrar-se.

A rua estava vazia de mais, o seu vazio aborreceu-se e retirou-me o passo debaixo dos pés e pôs-se a bater com ele, aqui e acolá, como se fosse uma tamanca. A mulher assustou-se e saiu do seu ensimesmamento, demasiado depressa, com demasiada violência, de tal modo que o rosto lhe ficou nas duas mãos. Eu podia vê-lo nessa posição, ver a sua forma oca. Custou-me um esforço indescritível fixar o olhar apenas nas mãos e não o levantar para ver o que delas se tinha arrancado. Sentia pavor de ver um rosto por dentro, mas tinha um medo ainda maior de uma cabeça nua e em carne viva, sem rosto.

6

Tenho medo. Quando se tem medo, é preciso fazer alguma coisa contra ele. Seria horrível adoecer aqui, e se alguém se lembrasse de me internar no Hôtel-Dieu, aí morreria de certe-

za. Este Hôtel é um Hôtel agradável, incrivelmente frequentado. Mal se pode observar a fachada da Catedral de Paris sem se correr o risco de ser atropelado por algum dos muitos carros que para aí se dirigem, atravessando a toda a pressa a praça livre. São pequenos autocarros, a buzinar constantemente, e mesmo o duque de Sagan teria de mandar parar o seu coche, se algum destes pequenos moribundos se obstinasse em querer ir direito ao Hôtel-Dieu. Os moribundos são obstinados e Paris inteiro pára quando a Madame Legrand, *brocanteuse* [vendedeira de velharias], se desloca da rue des Martyrs para uma certa praça da Cité. Há que notar que estes pequenos carros endiabrados têm janelas de vidro fosco altamente sugestivas, atrás das quais se pode imaginar as mais magníficas agonias; para tal basta apenas a fantasia de uma *concierge* [porteira]. Se a imaginação é mais fértil e avança noutras direcções, as suposições tornam-se verdadeiramente ilimitadas. Mas também vi chegar tipóias abertas, carros de aluguer de capota levantada, que circulavam à tarifa habitual: dois francos por hora de morte.

7

Este Hôtel excelente é muito antigo. Já nos tempos do rei Clóvis se morria nalgumas das suas camas. Agora morre-se em 559 camas. Em série, é claro. Perante tão enorme produção, a morte individual não é tão bem acabada como devia, mas também não é isso que interessa. A culpa é da massificação. Quem é que hoje em dia dá alguma coisa por uma morte bem conseguida? Ninguém. Até os ricos, que se poderiam dar ao luxo de morrerem com todos os requisitos, começam a ficar descuidados e indiferentes; o desejo de ter uma morte pessoal torna-se cada vez mais raro. Um pouco mais de tempo e ela tornar-se-á tão rara como uma vida pessoal. Meu Deus, tudo isso se apresenta diante dos nossos olhos! Chega-se,